

A Mina Tradicional

Texto Dramático de Fernando Martins Figueira

Nome artístico: NDENGUE, Mona ya Diyala

COMÉDIA

2021

Personagens das cenas dramáticas

Duarte ou Dudú (antigo namorado de Nária e actual esposo de Ngaxita)

Ngaxita “Ngaxi” (esposa de Duarte)

Nária ”Naná” (namorada juvenil de Duarte).

Kaluanda (cliente de Duarte e vizinho de Nária)

Dionísia “Dio” (prima de Ngaxita)

Chefe Vinagre (oficial chefe da estação policial)

Agente Kapapelo (oficial Subalterno...)

Dr. Alber (médico convecional)

Papá Ndúmbia (kurandeiro/naturopata)

Introdução

Separados um do outro por mais de 15 anos por discriminação social por parte de sua família. Nária, solteira e financeiramente estável, em uma ligação vê a vida trazendo-lhe o homem que no passado foi a sua grande paixão. Duarte, em união de facto por duas décadas com Ngaxita, sente-se embaraçado por sua ex-namorada o querer de volta. O que acontece à seguir? Fique atento, nos minutos que seguem, a peça dirá...

ACTO NÚMERO UM

CENA 1

No edifício sito na urbe. Participam Kaluanda e Nária.

KALUANDA: Mas esse é quem que tâ baté no agradiamento do mô mbanji essa hora... Ah!, vizinha Nária, é você... qual' é o babulu?

NÁRIA: Sim, Kaluanda, sou eu sim. Meu aparelho de ar-condicionado sofreu uma avaria e, gostaria de saber se tens como me ajudar com isso...

KALUANDA: Eu não, mas tenho um *kamba* profissional nesses reparos.

NÁRIA: Esse teu amigo é mesmo capacitado... olha, quero ter meu ar-condicionado em condições e, para isso, necessito alguém de confiança e bem qualificado.

KALUANDA: Vizinha Nária, tudo relacionado ao frio... ar-condicionado, geleira e arca: ele é o mais indicado dos que conheço, ele mêmô craque.

NÁRIA: De que esperas então para me passares o contacto desse teu amigo?

KALUANDA: Vô só avistar nos contactos 999-888-000 777-666-555. Nome dele: Mestre Duarte. Te garanto, vizinha Nária, esse brada é mêmô bom: esteve a bumar no Kubiko da minha mamóite e da minha kota, txê, só como deixou o mambo... bem nuuuuma!

NÁRIA: Espero não seja só mais um charlatão. Veremos, vizinho Kaluanda. Obrigada.

Abandonam o cenário.

CENA 2

No musseque, em casa. Participa Duarte, reclamando de uma chamada perdida no seu telemóvel.

DUARTE: [monólogo]: Possas, quem tará a me fonar a essa hora! Já não tenho dívidas com ninguém, tudo que tinha de kilapi paguei, mas tudo mesmo. Não posso assistir em condição, o telelé chama. Como não atendi na primeira, atendo na segunda ligação, até nem sei se é mesmo pessoa que está ligar. Se for alguém precisando do meu salu, estou pronto. Agora se é tambi não, não irei. Morrem à toa. páh!

[Ainda em casa. Permanece Duarte em acção, já agora em conversa ao telefone em “monólogo exterior”, com a Nária no outro lado da linha.]

DUARTE: Alô!, Bom dia, alô!

NÁRIA: Tudo ótimo!

DUARTE: Sim, na boa...

NÁRIA: Estou ligando para ti, porque soube que é técnico de frio...

DUARTE: (...) É mesmo sou eu, o técnico de frio... ligou no número certo...

NÁRIA: Pois é! É o seguinte, o aparelho de ar-condicionado do meu apartamento está com avaria e preciso dos teus serviços. Portanto, gostava de saber se tens tempo para vir cá em casa?

DUARTE: Se tenho tempo!? Ahahahah... tenho até desnecessário.

NÁRIA: Okay! Envio-te de seguida, o endereço, o piso e o número da porta.

DUARTE: Æhm, sim, sem makas!, Está bem, a voar mesmo já pr'aí Senhora. Valeu. "Colcença"!

CENA 3

No edifício da urbe. Apartamento da Nária. Participam Duarte e Nária

NÁRIA: Deve ser o técnico de frio a bater em a minha porta. Já vou! Já vou..., está um calor dos diabos!

DUARTE: Boa tar-de... [engolir em seco] Se-nho-ra...

NÁRIA: "Dudú!", uáu!, tu, o técnico de frio?! Que surpresa te re-encontrar...

DUARTE: Digo o mesmo, não contava te ver!

NÁRIA: ...Entre, faz favor. Que calor!

DUARTE: Obrigado!

NÁRIA: Não precisa ficar tímido, sinta-te à vontade! Pousa as tuas ferramentas aí, aconchega-te no cadeirão que sirvo-te já um pouco do meu almoço, antes de começares o trabalho!

DUARTE: Obrigado, "Naná". Tua casa é bwé bala...

NÁRIA: Não precisa agradecer, Duduzinho. Parece sorte, fiz caldeirada, teu prato favorito no... receba e seja minha companhia ao almoço. Tenho feito as refeições sozinha, ultimamente... então, como estás, por onde andaste esses anos todos?

DUARTE: Estou se bem, obrigado. Não aconteceu muita coisa comigo. Só arranjei uma nova mboa, Ngaxita e... fiz aí um curso de frio industrial, de vez em quando garente um kumbú básico; quando num cai nenhuma pambala banzelo no kubiku. Minha mboa me entende, ela é bwé fixe.

NÁRIA: Éh, deve ser... Te ter é uma vantagem, sei disso. Ela deve ser muito feliz...

DUARTE: Sim, é bem enérgica e vive a vida sem pensar muito nas coisas. E você... dá entender que tens tudo de bom...

NÁRIA: Quase tudo! Éh, fiz doutoramento na Inglaterra, sou gestora de finanças... tenho uma boa casa, dois carros mas... [atira o corpo ao Duarte] ainda assim, por todo esse tempo, jamais parei de pensar em ti, Duarte. Foste tu quem me tirou da categoria Virgem Maria... só de pensar nisso

imagino os teus toques, os suspiros... a tua serpente comendo a minha maçã. *[Nária apalpa o falo. Duarte não resiste a “gostosura” e entrega-se ao prazer sexual aí no cadeirão.]*

CENA 4

No musseque. Em casa, inquieta a andar de um lado ao outro, encontra-se Ngaxita acabando de chegar da kapracinha (Mercado informal em que se dedica à venda). Participam Ngaxita e Duarte.

NGAXITA [monólogo]: Amá! Mas meu xuxú então não está em casa, foi aondê? Ele mbora não sai à toa, agora chego em casa e lhe encontro não está lá. Awá, ansim então é cumu? Já lhe procurei kukulu-kukulu em todas janela-abertas mas, sanga muene, não lhe encontrei! Essa hora ele já estaria a pitar esse kibutu de funge que está só esfriar. Meu home então, wawé, *Ngana Nzambi* me traz só com ele de volta em casa, nga kudyondo! Éh Telefone desligado, ngafu...

Entra em cena Duarte

DUARTE: Boa noite... *[Ngaxita dá-lhe duas da cara; beija-o; repara-o se tem ferimentos; ofende-lhe]*

NGAXITA: *Papá weza nzala yabu.* Boa-nhoco! Boa-nhoco! Nê prumali, vens de onde só mô... sacana-cachorro?

DUARTE: Uhm, Ngaxita. Chapada do nada... xuxuzinha!

NGAXITA: Dixibe Duarte! Deixa de banguessar e zwela duma vez por toda. Os meus kalundús já estão a me subir. Você já me sabe! Você já me sabe, ähm!

DUARTE: Mas não queres me deixá falar, vou falá como?

NGAXITA: Estás bem-lavado tipo és minha xobó- shiii, txê, não me faz mbora te disparata yáh, rhum!, começa já a sabulá, quero saber onde tás sair, se expilica!

DUARTE: Ó mboa, você também se stressa só bwé à toa! Então, não me caiu uma fezada hoje!

NGAXITA: Ah, te caiu uma kazola hoje, xuxu? Está bom, graças a Deus!

DUARTE: Yáh, estava pausado a curtir uns muvê, só assustei “tilin-tilin”, baika tá cha- tá chamar. Atendi já, alô mais alô, cai lá pra fazer o sa- o salu. Chego lá afinal é quem? Minha ex-mboa antiga. Eh Eh Eh. O mundo é pequeno, yá.

NGAXITA: Essa mais é qual? Xuxuzinho, kadya tuji, estás falar que tem saia nessa história? Quem é a porra, me fala, vai ver se não vou lhe pisar! É quem!?

DUARTE: Ó, txê , se concentra ainda também páh, miux! A tal pessoa, ouve então já, a tal pessoa é, nada mais nada menos, o mambo que me abandonou três meses antes de te conhecer. Eramos namorados, mas por força da família dela, a nossa relação wabu, parou de pipocar, acabou. Hoje, posto lá, kubiku bem artilhado, não sei lá quantos mais, ofereceu-me caldeirada – caldeirada é um mambo, você sabe, né. Me ofereceu caldeirada acompanhada duns cálices de água-do-chefe pura, das garrafas, nós jovem, também, tamos a beber não é porque às vezes! Conversamos sobre o

passado, se desculpou de tudo que me fez passar. Depois de alguns copos-de-água do chefe, só assustei já ela estava no meu colo, quando percebi bem... estávamos a nos avacalhar afinal. Aconteceu foi mal!

NGAXITA: Txé, Duarte! Merda yiyi, você lhe quê? Matuba yoyo, eu vou te... vamos pro quarto agora, nada de bonhónhó-bonhónhó, também vais ter que me avacalhar. [*arrasta o Duarte para o quarto. Abandonam o cenário.*]

ACTO NÚMERO DOIS

Dia seguinte. Individualmente, Participam Duarte, Nária e Ngaxita

CENA 1

PRIMEIRO QUADRO

DUARTE: Estou bem matado! Esta parceria que eu tenho com a Mboa de lhe contar tudo, vou ter que cortar. Até quando vejo uma rabuda na rua, tenho de lhe falar, acho que devo começar a faltar com a verdade. Quando comer fora vou chegar no kubiku mudo, senão... senão uhm. Vi o que ocorreu ontem! Pese embora o casal não deva ter segredos, mas por um triz perderia minha xuxuzinha. Bom é que ela também gosta, pois é! Resolvemos a situação no ninho como dois papagaios apaixonados.

[*Abandona o espaço Duarte. Aparece em cena Nária.*]

SEGUNDO QUADRO

NÁRIA [monólogo]: Estou bem levezinha, meus Deus. Eu quero mais... afinal é assim? Homem da outra é golo! Kuya que kuya. Ontem quase que via *God*, faltava pouco para *São Pedro* chamar meu nome para entrar na casa do senhor. Nem vi na fila o meu, defunto, marido também era um bolas-secas, fraco em tudo... nem minete fazia. Nunca me fez o que me fizeram ontem. Acredito que ali é lugar para quem já lhe fizeram e faz milagres, paraíso não é lugar para qualquer um. Durante estes anos todos, estava cansada de fazer a posição do missionário (papai e mamãe). Marido que não sabe satisfazer a mulher, que não sabe fazer mal-criado com boas colocas, sou de opinião que deviam ir directamente ao inferno. Não sei onde eu estava com a cabeça quando lhe deixei partir da minha vida, aqueles merdas dos meus pais me tiraram o bom mecânico, yá. O Duarte está totalmente mudado, até a voz dele mudou. Meu cansaço desapareceu, minha visão melhor, costumava só comer bué de cenoura à toa, não está aqui mbora tudo bem nítido, nem sinto os meus ossos. Today, I feel like fish in water.

[*Abandona o palco Nária. Actua em público Ngaxita.*]

TERCEIRO QUADRO

NGAXITA [aparte]: Mós irmãos, isso né azar nem nada! No serviço então assim que cheguei o pessoal só estava me olhar. Mas uma das minhas colegas, uhm, assanhada aquela miúda. “Ah, por

que Ngaxita, hoje você está diferente, teu sorriso tem um ar contagiante”. Bonhonhó, Bonhonhó, Bonhonhó, Zongolas duma figa, assim queria que eu lhe falasse que me bonhonharam, Muxoxu! Eu, mais de Malanje, estava somente a lhe olhar, nem Kwim nem kwam. Mós irmãos, acham que lhes devo alguma satisfação sobre a minha vida marital? Respondem-me ainda. Depois essas que roubam marido, kitatas de merda. Imaginem se eu lhes falar o que me fizeram. Cuidado minhas manas, essas são capazes de me meter comeu, morreu e secou na comida só para ficar com o home que não as pertence. Estou a mentir? Para encontrar meu xuxuzinho foi difícil, wafu, quem tentar. Vai chuupar no caroço! *[Sai de cena]*

CENA 2

No musseque. Em casa do casal. Participam Duarte e Ngaxita.

DUARTE [lê sms aparte]: “*Kunador, estou a morrer de tesão. Vem mexer com as minhas estruturas e sarar as minhas feridas. Dudú, estou a te pedir só para me dar um Round, estás a se achar? Não chupa ranho, colhão não é para guardar... salalé vai comer.*”, assinado: Nária. Luku sukwé, miuxx! Meus manos, me digam ainda uma coisa: Assim vou lá mais? Desculpa. O facto ter caído ontem naquelas teias de aranha, não queira dizer que eu seja uma mosca. Também só trepei com ela, porque aqui no kubiku a mboa gosta de meter barra, por um lado. Por outro, vinguei-me por no passado ela me trocar com o madjê que tem kumbú, em detrimento de um Kamundongo do bairro, eu. Entretanto, lhe kunei, foi trabalho grande tirar aquele ninho de aranhas que o bazeza do marido deixou lá ficar. Pois é, isto acontece quando boas carnes param às mesas de cães. Come, pára, dorme... come, pára e dorme novamente. Digo já que sou leão, dentro ou fora da jaula, sou o mesmo, no cacimbo ou no verão. Minha cabeça de baixo como está calma, vou mantegar, caso contrário vou prá lá... buscar parte das ferramentas que deixei ficar.

Aparece em público Ngaxita. Espia as sms de Duarte enquanto dorme.

NGAXITA: Essas sms assim, é de mais não estou nada a gostar... “*vem me colocar aquelas colocas...*”, Réh, esta cabotchô-botchô mais é qual que quer perar com o Dudú? Com que então tens se encontrado com a cabra nesse enderço aí, hein! Vou ficar tipo não vi nada, vai assustar cheguei no local de pára-quedas. Bato primeiro, pergunto depois. Não sei vocês, mas eu procedo assim, ou chuupar no caroço! *[Abandona a cena.]*

CENA 3

No edifício da urbe. Apartamento da Nária. Participam Nária e Ngaxita

NÁRIA: Essas batidas na minha porta... deve ser o Dudú, que cheio de tesão, chegou mais cedo do que o esperado. *[abre a porta]* Sim, quem é a Senh- *[Ngaxita dá-lhe uma chapada da cara]*

NGAXITA: Se mantenha longe do meu marido. Eu vi as mensagens que enviaste para ele.

NÁRIA: Não faço ideia do que falas e, a propósito, tu vais pagar pelas chapadas que me deste.

NGAXITA: E vou te dar mais se continuares a refilar. Não minta pra mim, “Nária”. Vi a mensagem que enviaste ao meu Duarte. Eu já nasci com a minha 4classe feita, pensas que sou bazeza!

NÁRIA: Tu me estás a ameaçar? Vou processar-te por isso!

NGAXITA: Sim, por acaso há mais alguém a frente de mim, sua anormal! Não te achas muito refinada para seres fodelhona, sua minha puta-fina. Tantos homens por aí, por aí, é mesmo só o meu Dudú que tem o pénis, os kulhões de que gostas, Ahm?!

NÁRIA: Puta-fina, eu! Tu é... tu és uma pueirona, matumba, banhrou-cheirou-bem! Olha só pra ti nem sabestania tens, megera duma figa. Pensas que o Duarte é só teu? Tu nem sequer és a mãe dele! Fui eu que o descobri como homem, as primeiras colocas que ele realizou foram comigo...

NGAXITA: Matumba é você..., filha da Eva! fecha o focinho vou t'endereitar.

NÁRIA: Em minha propria casa, fartei-me de aturar a ti e a tua falta de respeito!

NGAXITA: Quem você acha que é para me roubar o home?

NÁRIA: Quem eu sou; quem eu sou... quem eu sou é complicado! O que eu sou, é bem mais fácil. Eu sou uma ameaça, eu altero resultados!

NGAXITA: Ayé, a ver vamos!

[Entram em pancadas. São separadas por alguns moradores do mesmo andar.]

NÁRIA: Ah! estes hematomas que me legaste, bem como a bofetada inicial, hás-de pagar. Não ficarão em branco. Hás-de pagá-las, mas hás-de pagar como nunca antes visto. Sua desigienada mental, falta-te higiene mental!

NGAXITA: Aqui é assim; ou me bates ou bates na jibô. Comigo chuuiuupas no carço!

Abandonam o palco Ngaxita e os vizinhos que separaram a luta. Permanece Nária em conversa, ao telefone, com sua tia Marcele.

NÁRIA [monólogos externo]: Alô , saudações, tia Marcele! não... não mesmo tia...Preciso de ajuda passou-se o seguinte; hoje fui insultada aqui em casa... por uma babaca... do nada mesmo tia... entramos em pancadas; juro tia Marcele, começou a chamar-me nomes... Ainda não participei à polícia, a polícia daqui também não resolverá nada;... Vê, até a tia sabe! Então como eu estava dizendo... preciso daquele método que fizeste na mulher do teu broto; isso mesmo..., me indica só o local; dinheiro!... tenho mais dinheiro do que sei como gastar... Tomarei cuidado, irei disfarçada. Tia, está bom, primeiro ligarei à polícia e se ela não apodrecer na prisão, aí sim, fa-lo-ei apodrecer doutra maneira. Bye Bye! –NÁRIA[monólogo extero com policiais] Alô é da polícia... eu quero informar uma perturbação, por favor; não... não é exatamente um; sim trata-se de uma invasão a privacidade; o meu nome Nária; é o prédio X da Rua Z piso Y apartamento n12. Está bom; tudo bem... obrigada!

CENA 4

No musseque. Em casa está Duarte. Aparece em público Ngaxita.

DUARTE: Que aconteceu contigo, Ngaxita... blusa rasgada... esses arranhões, lábios e nariz inchados: o que aconteceu contigo?

NGAXITA: É o que você me fez passar, por causa dessas tuas xobotisses, Duarte. Qualquer rabo de saia com uma chuchazinha, quer chocalhar. Cabrito de merda! Fui avançar a tua kit, lhe manguitei bem!

DUARTE: Qual kit, se eu só tenho você, Ngaxita?

NGAXITA: A tua ex- que enviou a sms aí no teu telefone. Se os vizinhos não acudissem a luta, podia mostrar, naquela cabotchô-botchô amiga da gatuna, que sou uma mulher que mija de pé.

DUARTE: O quê, andaste a mexer no meu telelé? Não é nada do que você está pensando...

NGAXITA: Dissemos que entre nós não haveria nenhum segredo.

DUARTE: E não há segredo. Se fosse para te trair eu lá iria, mas não fui, ela é apenas cliente. Você gosta de assunto. Assumi o envolvimento mas, agora aqueles “chupões” que ela falou, não posso garantir se foi verdade ou mentira. Eu estava com o alcóol na cabeça. Tenho o resto das ferramentas lá para concluir o serviço. Não estou a te trair xuxuzinha. Vem cá minha ciente...

NGAXITA: Vai lá pra merda, seu kambwá! E fica mesmo já bem consciente que hoje não vais jantar.

DUARTE: Oh, minha xuxuzinha! Como assim hoje não vou jantar... xuxuzinha?

NGAXITA: Vais, vais chuuiuupar no carço! [*Segue a Ngaxita. Abandonam o espaço.*]

ACTO NÚMERO TRÊS

Semanas depois; Esquadra Policial. Depois de notificada, Ngaxita comparece à estação de polícia e encontra Nária. Ambas participam em companhia de chefe Vinagre e agente Kapapelo (agentes da polícia).

CENA 1

[*Bate-boca indistinto entre as duas mulheres*]

CHEFE VINAGRE: Calem as bocas, porra! Sentem-se..., Eu sei que as senhoras aqui têm problemas uma com a outra. Portanto é possível que uma tenha agido mal, mas por outro lado houve provocação. Existe culpa nos dois lados e, isto não pode continuar, será resolvido bem aqui e agora.

NGAXITA: Será que eu posso falar senh...

CHEFE VINAGRE: “Quando um burro está a falar os outros baixam a orelha”. Não é assim que aprenderam?

NGAXITA: Sim.

NÁRIA: Claro que Sim!

CHEFE VINAGRE: Cada porco tem o seu natal! Ngaxita, a senhora espera do outro lado da sala.

Agente Kapapelo acampanhe a senhora, yáh.

AGENTE KAPAPELO: Sim, Chefe! Senhora Ngaxita, siga-me faz favor.

NGAXITA: Mas por que ela deve falar primeiro se...

AGENTE KAPAPELO: O chefe ordenou. Por acaso, a senhora ouve do cu?

NGAXITA: Songa... txê, me respeita, se não queres ver o teu corpinho tímido deitado no...

CHEFE VINAGRE: Oyê, retiram-se! Vamos depor uma de cada vez, aqui não é na praça das mulheres, porra! Começamos pela queixosa. Senhora Nária, tenha a bondade.

NGAXITA: (...) deitado no chão da merda dessa esquadra.

PRIMEIRO QUADRO

NÁRIA: Eu não sei por onde começ...

CHEFE VINAGRE: Tá bom, vou te ajudar. Quando os meus homens foram à sua casa, depois da ligação, encontram-na com a cara inflamada. Prossiga, faz favor!

NÁRIA: Olha que eu estava procurando por técnico... o meu vizinho indicou-me um que fazia exatamente o tipo de reparo que pretendia e... não sabia de quem se tratava. Quando o vi em minha porta, achei que Deus nos estava dar uma oportunidade para corrigir os erros cometidos num passado muito distante. Só que depois de alguns dias, estava eu em casa, quando alguém quase derrubava à porta do meu Apt de tanto bater. Fui em direcção a mesma e, assim que abri, aquela vadia daí, esbofateia-me. Senhor Vinagre, eu gostava que este caso fosse à julgamento. Ela tem de pagar pelos danos causados a minha pessoa!

CHEFE VINAGRE: Porraâ, esta ideia é ridícula!

NÁRIA: “Ridícula!” Estás dizendo que não vai dar certo?

AGENTE VINAGRE: Vejamos, a senhora não está sendo cautelosa. Imagina se este assunto chega à tribunal. Já pensou quando todo mundo tiver o conhecimento desses factos. De certeza que não será bom pra você, porque a senhora parece ter muita classe e não se envolveria em assuntos banais.

NÁRIA: E qual é o teu plano?

CHEFE VINAGRE: Faremos o seguinte: como houve troca de galhetas, puxadas de perucas e tudo mais. Estas acções serão convertidas em multas. Logo, a madame cubrirá com os estragos causados no seu apartamento.

NÁRIA: O senhor agente resolvendo desse jeito, não estarei satisfeita. Não mesmo.

CHEFE VINAGRE: Este método sempre resulta. Não se borra, madame. Siga com tua vida e deixa isso para atrás.

NÁRIA: Polícias de se coçar! *[Nária deixa espaço, entra em cena Ngaxita]*

SEGUNDO QUADRO

CHEFE VINAGRE: Diz naquela rabugenta para entrar, Agente Kapapelo.

AGENTE KAPAPELO: Minha senhora é a sua vez.

NGAXITA: Posso!?

CHEFE VINAGRE: Entra só yáh. Se não pudesses, eu não mandava te chamar. A senhora tem tido algum remorso ou coisa parecida?

NGAXITA: Eu tô bem, obrigado!

CHEFE VINAGRE: Não, é claro que não tâ, nenhuma pessoa que pensa faria o que a senhora fez. Quero que se explica.

NGAXITA: Tivemos uma desavença, sabe! Descubro que essa kwarra tem trocado sms com o mô home. Cumu era demais, no consegui segurá o ciúme e, depois lutamos na casa dela. De tudo que o chefe ouviu dela, eu não me arrependo.

CHEFE VINAGRE: Senhora Ngaxita, uhm..., as suas atitudes. Elas... elas afetam outras pessoas, respeito é preciso dar para receber. Às vezes conversas são necessárias, pelos melhores motivos.

NGAXITA: Ela também me bateu, vê as marcas das unhas dela.

CHEFE VINAGRE: Soube que você começô com o balu. Portanto, é isto que acontece, quem vai à guerra dá e leva. Como existiu espancamentos nos dois lados, vais pagar, somente, uma caução por invadir a residência da mesma. Ou seja, gostaria de dizer que tem duas opções. Opção A: a senhora irá mamar em prisão preventiva seis meses e tal.

NGAXITA: Qual é a opção 2?

CHEFE VINAGRE: É opção B. Terá de pagar uma multa para ser liberada da prisão e o assunto morre aqui. Preste bem atenção, eu se fosse a dona Ngaxita preferiria a opção B.

NGAXITA: Quero fazer uma chamada.

CHEFE VINAGRE: Tem direito a ligação.

[Ainda na Estação Policial. Conversa indistinta entre os agentes, enquanto Ngaxita liga para o seu esposo Duarte]

NGAXITA [monólogo externo]: E ai onde voce tâ, faz duas horas que eu tôu te ligando da esquadra... o que tou fazendo aqui? Não vim responder o papel que deixaram lá em casa!...; ouve ainda, vai no quarto, dentro das minhas socas, vermelha e preta, tem lá kumbu; ouve... trás' aqui na esquadra nova, para pagar... Sim, estou kuzú. Se quiseses me ver ainda hoje em casa... te esperando. Não demora!

CHEFE VINAGRE: Não que seja da minha conta, mas devia pensar em outro ramo. Deixa de ser briguenta.

AGENTE KAPAPELO: Chefe, posso fechar já a porta?

CHEFE VINAGRE: Tâs a esperar o quê? Fecha a porra da porta!

Duarte aparece paga a fiança. Depois de recebido os valores, saem todos de cena.

CENA 2

Numa praça a céu aberto. Participam Dionísia e Nária.

[Vozes indistintas de zungueiras]

DIONÍSIA: Arreiou!-Arreiou! “Cura tudo”, tudinho! Se não levanta, meu filho de homem não se preocupa, eis a solução aqui! Tenho vários tipos de medicamentos tradicionais à venda... dos que fazem bem aos que fazem mal, se exagerá. Arreiou!-Arreiou! Minha bonita da Globo tem desconto, tudo nacional; “ancorou”, “tangawisi”, “pau-de-cabinda”... sairá bem satisfeita do acto sexual! Serás bem kunada! Arreiou-Arreiou! Coceira vai na ilha. Arreiou-Arreiou!

NÁRIA: Bom dia, boa tarde! Uhm..., tia, sabes quero quê!?, aquelas coisas que inflamam a perna, aquela coisa que, dizem por aí, está a pipocar mais que os debates no parlamento angolano.

DIONÍSIA: Ahm! Minha filha. Já sei exatamente o que procuras. Aparece como uma dor normal ou picante e acompanhada por inflamação em determinada região do corpo, que em poucos dias alastra-se pelo resto do corpo, provocando alterações na cor da pele, né? Eeeh, vieste no lugar certo: é “Tala”! Mas a *tala* pode ser colocada em qualquer parte do corpo, porque também depende do membro que vai tocar primeiro no veneno.

NÁRIA: Eh, tia fala baixo! É isso de que procuro, mas é somente para castigar. Não tenho intenções de matar alguém. Deus me livre! Quanto ronda o preço?

DIONÍSIA: O preço varia de acordo ao tipo de mina tradicional, minha bonita. Temos a da água, os pauzinhos, o pó e também as por via de chamadas telefónicas. Mas vem vou te fazer batimento... Como quem fala muito erra, madrinha. Os procedimentos de como usar, está escrito no papel: se quiser lhe bondar ou castigar, depende de ti. Dá-lhe o que merece!

NÁRIA: Yá, é mesmo só um castigozinho de leve.

DIONÍSIA: Dá-lhe um susto. Deixa bazar, esse que sobrou é pra despachar a caminho de casa; Arreiou!-Arreiou! Aproveitam, enquanto, estou bêbada!

Abandonam o palco.

ACTO NÚMERO QUATRO

CENA 1

Madrugada, no térreo do prédio. Enquanto Nária saía do edifício, chega Kaluanda, param em conversa. Participam Nária e Kaluanda.

KALUANDA: Vizinha a essa hora por aqui e ainda por cima em “ás”!

NÁRIA: Yeah, Kaluanda, estou descendo para receber uma encomenda.

KALUANDA: A propósito, como está a vizinha Nária depois daquilo que... você sabe.

NÁRIA: Uns dias na cama e estou bem... estou me sentindo bem.

KALUANDA: Assim é que se fala, sempre energética. Seu perfume tem cheiro delicioso...,

NÁRIA: Escuta, eu nem sei o que dizer. Tu tendo entrado no meio pra ... por fim àquela briga. Sinto-me tão, tão envergonhada.

KALUANDA: (...) eu sinto o cheiro antes de ver você. Não, não, não se preocupa com isto, eu fiz o que qualquer teria feito

NÁRIA[monólogo]: Asshole. Esse guy não se vai embora? Preciso ir ao...

KALUANDA: Tchau, vizinha até mais.

NÁRIA: Okay, tchau! Só para recordar que não faço o uso de banhou-cheirou-bem. Uffh

KALUANDA: Ahahahahahaha!

Kaluanda sai da cena.

CENA 2

No musseque, ainda pela madrugada, na porta da casa de Duarte e Ngaxita, Nária espalha o pó “tala”.

NÁRIA [monólogo]: Aquela megeira, matumba de uma figa, vai saber o que é bom pra tosse. Se o Duarte não ficar comigo, não voltar ao ser o meu amor, também não ficará com aquela. Não posso ser a única solteirona no país! Na na ni na não. Aquela rameira, desprovida de beleza, não permanecerá com ele. Ou me matam ou quê! Essa “tala” aqui quando ela pisar vai sentir no osso, chorar é chorar tipo uma nené. Vai gostar!

Abandona o palco.

ACTO NÚMERO CINCO

CENA 1

No musseque, pela manhã. Participam Ngaxita e Duarte.

NGAXITA: Tôu de saída Dudú. O mata-bicho tá na cozinha, põe óleo no pão, querido, a manteiga acabou. Até logo, se comporta se não queres ter “mbumbuta”.

DUARE [monólogo]: Só porque me inflamou uma vez, pensa já que bate bwé. Sim, minha xuxu!

NGAXITA: Tchau! *[Ngaxita pisa na “tala” à porta de casa que dá à rua, sem que o saiba.]*

DUARTE [aparte]: Ainda bem que a dama já saiu. Vou lá naquela louca da Nária dar-lhe um puxão de orelha. Antes que confunde as coisas.

CENA 2

Edifício na urbe. Apartamento de Nária. Participam Nária e Duarte.

NÁRIA: Olá, que surpresa boa!

DUARTE: Oi, Nária.

NÁRIA: Apesar dos apesar, obrigada por ter vindo.

DUARTE: Aonde foram parar as suas éticas, Nária? Estás armante em Mãe-Grande, acho que é disso que se trata. De tão fina que és não contava, se baixaste bwé, até aquele escalão. Meus Deus! Devia ter vergonha na sua cara em dizer coisas que até nem devias. Vê lá o que causou essa infantilidade. Agora a minha mboa tâ me kinguilar tipo sou bebé dela.

NÁRIA: Olha, há muita coisa que eu poderia dizer, mas o que acho mais importante agora, é o meu pedido de desculpa! Forgive me, não sou a culpada de todo aquele embróglio, Dudú. Foi a senhora tua mulher que cá veio, ela começou a fazer aquela algazarra toda... Aonde vais, Duarte? I'm sorry!

DUARTE: No te sorry nada. Me dá um tempo.

NÁRIA: Duarte, não temos tempo a perder... Diz pra mim, ela beija como eu sempre beijo você?!

DUARTE: Me deixe em paz. Aí tens o teu aparelho de ar concertado. Esse é o restante das minhas ferramentas que agora levo comigo. Por favor, Nária, não estraga o meu relacionamento. Adeus!

NÁRIA: Se soubesses o que eu fiz... também não ficarás com ela. Vão Gostar!

DUARTE: Não me segue!

NÁRIA: Achas que te vou seguir!

Abandonam o palco.

CENA 3

No musseque. Casa de Duarte e Ngaxita. Participam Duarte e Ngaxita.

DUARTE: Querida, hoje, chegou mais cedo que nos dias anteriores. Vieste me vigiar ou está tudo bem, Ngaxita?

NGAXITA: Vigiar de quê, tenho lá tempo pra isso, homé! Não passei bem o dia. De repente veio um desconforto total acompanhado de uma dor de cabeça. Preciso descansar, comprei pão para o jantar.

DUARTE: Relaxa, mulhé. Amanhã vamos fazer uma consulta, para averiguar o que há de concreto. Não gosto de te ver assim!

ACTO NÚMERO SEIS

CENA 1

Num hospital. Participam o Dr. Alber e Ngaxita.

NGAXITA: Bom dia, Doutor!

DR. ALBER: Bom dia, Senhora Ngaxita! Então, diga-me o que lhe aflige.

NGAXITA: Uhm, doutor! Desde ontem me tem dado um mal estar, com febre e algumas comichões. Por isso, vim ainda aqui no doutor para me fazer o diagnóstico e, saber o que de anormal está se passando com a minha pessó... com a minha pessoa!

DR. ALBER: Boa! Como foi a sua rotina nos últimos dias... não esforçou-se bastante nas suas actividades, transportando objectos muitos pesados? Talvez tenha comido alimentos que lhe causaram essa indisposição ou coisas do gênero?

NGAXITA: Não, não. Não realizei actividades esforçadas, pese embora tive uma briga no finalzinho de semana, mas não fiz muito esforço. Aquela gaja nem me dá trabalho, entretanto, foi algo leve e pra esquecer doutor Alber.

DR. ALBER: Muito bem. Segundo o exame não conseguimos detectar nada de anormal em si, ou seja, a dona Ngaxita não tem nada. Contudo, vou passá-la uma receita médica de acordo aquilo que me esteve a relatar. Fiz uma prescrição dos remédios, a base de comprimidos, que a senhora deverá comprar para melhorar a sua situação de saúde. Vamos cumprir do princípio ao fim para um melhor resultado. Aqui está, se cuide!

Deixam o palco Dr. Alber e Ngaxita. Aparece em público Nária.

QUADRO

NÁRIA [aparte]: Oxalá que a makumba feita, ontem, já esteja a lhe manifestar. Eu não brinco em serviço, mato a cobra e mostro o pau. Epáh, esqueci de perguntar à minha tia! Pessoal, têm noção de quanto tempo pode levar a actuação?... Nenhuma mulher aqui é dona de um homem! Tenho a plena certeza de que não fiz nada de mal, aliás, ela é quem Kassumbulou-me o homem. Vai Gostar!

Abandona o palco Nária.

CENA 2

De volta ao Hospital. Retornam ao Público Dr. Alber e Ngaxita

NGAXITA: Bom dia, mais uma vez, doutor! *Desperdicei só meu dinheiro nos remédios.* Os fármacos não resultaram, *kitadi kyame wa dibote ngó, Dotolo.*

DR. ALBER: Bom dia! Vejo que ainda não melhorou. Será pelo incumprimento da medicação ou há algo mais se passando?

NGAXITA: Doutor, há uma semana que saí daqui do seu consultório, adquiri os remédios indicados pelo senhor. Fui tomando todos os santos dias, doutor. Nada, nada resultou pelo contrário foram surgindo outros problemas, como o doutor pôde observá: o tamanho do meu pé, senhor doutor, aumentou nesses poucos dias. Tenho lá uma feridas, uhm, só as dores que dá! Pior que a dor de parir.

DR. ALBER: Lamento imenso pelo o que está acontecendo. Quantos aos pés, vou ofertá-la alguns anti-inflamatórios. Minha filha, se não tiver resultado imediato, debes recorrer à uma Herbanária. “Não dorme, Deus não gosta burra!”

CENA 3

No musseque. Casa de Ngaxita e Duarte. Participam Ngaxita e Dionísia.

DIONÍSIA: Prima Ngaxi, está bater ou estão a te bater?

NGAXITA: EhEhEh, bokona monzu, estão a me bater. Veja só o estado em que encontro Dionísia, por isso pedi ao Duarte que te comunicasse. Fui ao médico, nada resultou, e ele aconselhou-me a ir numa herbanária fazê ttratamentos a base de folhas. *Dotolo wa banga wa lembwé, ngui banga kyebi*. Você, prima, como vendes estas coisas me indica ainda um lugar em que posso acorrer. *O Doutor do hospital fez tratamento não conseguiu, vou fazer o como?*

DIONÍSIA: *wa, wa, wa* prima! Isto não é uma ferida normal. Prima, vou ser sincera contigo, procura um Kurandeiro, aliás, vou te indicar um. Prima, sabe o quê prima: te enviaram alguma coisa do mal. *Wawé*, prima, te enviaram jimbasswé!

NGAXITA: *Wawé*, por que dizes isso, prima Dio-dio. Isso é loucura. Quem poderá estar a fazer isto comigo?

DIONÍSIA: Essas e mais respostas, somente, o Kurandeiro poderá responder tinti por tinti. Aqui tens o endereço, prima. Le procura o mais rápido possível. qualquer dica estou em linha.

ACTO NÚMERO SETE

CENA 1

Casa do Kurandeiro. Participam Papá Ndúmbia e Ngaxita.

PAPÁ NDÚMBIA: Entra! Descalça e num' deixa o porta baté.

NGAXITA: Wanange kyebhi, ngana Papá Ndúmbia! Vim aqui porque...

PAPÁ NDÚMBIA: Chio! Eu já seyu, eu seyu tudinho. Quês que diga a cor do tua tanga. Eu sabé muito bem o que vucê veyu fazê aqui, minina. Minha filha, o Bombó Molhou! Fizeram uma armadilha pra vucê e, pulungunzum, a caça foi consumada. Mas filha veio muito tarde, num se preocupa, terá toda informação.

NGAXITA: Antes tarde do que nunca, Papá Ndúmbia!

PAPÁ NDÚMBIA: Pruquê correu somente agora à medicina tradicional? A dúvida que vucê tenheum em vorta dos naturopatas, olha cumu resurtado a podridão do teus pés.

NGAXITA: Eh Eh Eh. Na verdade tinha desconfiança.. epáh. Mas eu só mbora pobre, filha de camponês nem carro tenho, mesmo assim pessoas há pessoas que não nutrem simpatia por mim. *Kituxi ngya keji yami mu ngongo mumu?* Eu mesmo boa pessoa, converso com todo mundo, quer no serviço quer na vizinhança. *Que mal é que fiz nessa terra?* Uhm, minha mãe tem razão quando dizia “*Mu dikanu dya madjia kimi, ngibolu mazu ngibolwé maka!*” (na boca dos mais velhos só os dentes é que ficam podres nunca as palavras). *Wawé*, pé mesm' assim bem inchado, dor é dor. Não consigo de fazer nada, no trabalho nunca mais fui lá. Jindolo ya vulu, Papá.

PAPÁ NDÚMBIA: Wanga que te lançaram é de jimbasso. Na verdade, não era para vucê ficar com tala num pé, era pras duas kinamas perrmanecerem inflamadas, porque estão a conspirar vucê,

arguém tem inveja de vucê. Quem tá atraí esse sentimento de rancor, é seu marido. Le envia uma mensage com a localização pra ele vir no nosso encontro.

NGAXITA: Mwadi yami, Papá! Não. Mô marido filho alheio não tem dessas práticas de mixordias. É a pessoa que mais morre d'amor por mim e eu por ele. Meu kunanga, biscateiro n'área de climatização, num tem espírito de Judas nem muito menos de Caim, apesar de me trair uma vez.

PAPÁ NDÚMBIA: A tala que vucê pisô, é consequência dessa traição. Vucê partiu para cima duma mulher com disparates e muito kibhetu. Pós'ê, essa mesma mulhé tem um kalundús de vingança muito ruim, de não levar desaforo para casa. Bombó Molhou! Mona yu foi atingida bem na porta de tua casa, quando ia nu sirviçu. Os espíritos me dizem qu'ela comprou a mais barata das talas e a manera de preparamento da mesma é mortau.

NGAXITA: [aparte] *Awi ...* Aquela lâmina, ou melhor, xobóteira envolvida nessa imundice. Outra maka mais, custa-me acreditar, tudo por causa de home que nem lhe diz respeito. *Ayé*, o que me dizem..., não acham que ela também deve chuuiuupar no carço?

[*Aparece em público, Duarte*].

DUARTE: Dá-me licença, Ngana!

PAPÁ NDÚMBIA: Entra. Descarça e num'deixa o porta baté! Como estava dizendo, a condição sociale e financera num define o nguma. Pêsoas que querem armejar certos cargos nu sirviço, grandes mwatas, age contra seus colegas no sentido... pra sé chefe na empresa e no guverno. Dilangue!

DUARTE: Eu até não sei o que dizer. Não foi minha intenção causar sofrimento a minha mbo-mboa, Papá Ndúmbia. Se for possível fazer esse mal voltar na sua dona, que se faça. Eu so quero deixar bem claro à Ngaxita que não tenho nada a ver com isso. Se bem que tenho lá uma "culpazinha".

PAPÁ NDÚMBIA: É possívê, sim. Maj'isso vai dependé da seniôra do progulé... proguléma, se quero que a vingança acontece ou num quero.

NGAXITA: Papá Ndúmbia, eu gostaria de me vingar no sentido de fazer todo desse mal voltar contra ela, não vejo outra solução. A minha sugestão é torná-la demente e que ela fica com a inflamação. Mas lhe deixa com o modo dela fino. Será maluca chick, "aqui se faz, aqui se paga"... Então me diz ainda: Qual é a cura da minha doença, tem mêmo cura?!

QUADRO

DUARTE [monólogo]: Essa dama mêmo é boela, yáh! *bangá mbote twa sakidila xoto*. Nunca mais vou dar falida a nenhuma mboa, nenhuma. *Você lhe faz bem agradecimento é bufo...* Só estou a pedir a Nzambi para livar caso me tenha cozinhado! Onde é que já se viu, mulher mêmo bwé bonita

fazer makumba para outra. Viu a que ponto de situação chegamos uhm uhm. Nem quero ver no que vai dar, como diz a minha mboa, “Chuuuupa no caroço.” S’aguenta, eu não estou lá!

PAPÁ NDÚMBIA: Eu curá tudo! Os nossos mais velhos falam assim; “*Uxinga ngandu ukalanga kuzawuka*”. O que na língua dos portugueses quer dizer; *Quem ofende o jacaré, deve primeiro atravessar o rio*. Portanto tenh’aqui esses milongos, chega em casa freve estas folhas numa panela nova e vai tomando o líquido, quatro em quatro horas, durante duas semanas. Quant’ao feitiço da tua nguma está no preparamento: O bombó dela também vai molhar. Assim que te curares, tudo que rogaste vai lh’atingir. Atenção, frevé numa panela nova. Awa Bombó Molhou!

NGAXITA: Ngasakidila, Papá Ndúmbia! Mungwénu.

PAPÁ NDÚMBIA: Mungwénu... Mona ya muhatu, ngui bana ó kitadi kyame.

NGAXITA: Perdão Papá. Pensei que já tínhamos pagado. Saki, saki!

CENA 2

Numa rua qualquer. Participam Dionísia e Ngaxita.

DIONÍSIA: Mana Ngaxita, Wazekele?

NGAXITA: *Mwazekele Kyambote, panguiame.*

DIONÍSIA: Mu kutu?

NGAXITA: Kyawaba, panguiame dya muxima. Ngasakidila!

DIONÍSIA: Quem é o mulogi que estava a te xinguilar?

NGAXITA: Não é mulogi, Prima. É uma ngapa, mas também a bujingaga já foi feita e todo mal já está lhe actuar. Vai chuuuupar no caroço!

DIONÍSIA: Fizeste bem, mana. Mas não te esqueças a tia sempre dizia: *Wanga kyo fulu.*

NGAXITA: Falando nisso ali está o testemunho de que *feitiço não é riqueza*. Aquela é a tal ngapa.

[Aparece em público Nária: perna pútrida; maluca a revirar baldes de lixos; na mão um pau comprido a ameaçar os transeuntes.]

DIONÍSIA: Eme wangui móno. *Wawê*, prima, Wanga wabu!

NGAXITA: Wasaluka kya... Chuuuupou todo caroço! Vamos embora antes que nos ataca.

DIONÍSIA: Tá amarrado mu dijina dya Ngana Jezu Kristu!

[Nária, maluca, enxota-lhes do palco em corrida. Abandonam todos o palco.]

FIM

NOTA:

As frases mais extensas expressas em Língua Nacional Kimbundu estão em *itálico*, algumas por tratarem-se de adágios. Os seus significados, na Língua Portuguesa, foram também *italizados* no mesmo parágrafo.

As falas “grafadas” enunciadas por Papá Ndúmbia (Kurandeiro) e as demais personagens não significam erros de grafia do Português. Aquilo mostra mais ou menos como ele pronuncia certas palavras, ou seja, a fonética da língua portuguesa no seu linguajar. E este mesmo modo de falar, é algo típico nos dizeres (e no escrever) de alguns populares mais velhos, jovens e crianças, quer na capital, quer no interior do país. Tenho algumas palavras como exemplo:

Lhe – <i>le</i>	Mennsagem – <i>message</i> .
Têm – <i>tenheum</i>	Tua – é trocada por <i>teu</i> e <i>vice-versa</i> .
Mortal – <i>mortau</i>	Financeira – <i>financera</i> .
Preocupa – <i>precupa</i>	Homem – <i>home</i>
Senhora – <i>seniôra</i>	Social – <i>sociali</i> .
Não – <i>num</i>	Problema – <i>progulema</i> .
Serviço – <i>sirviçu</i>	Ele quero – ao invés de <i>quer</i> .
Resultado – <i>resurtado</i> .	Balde – <i>barde</i> .
Alguém – <i>arguém</i> .	Saldo – <i>sardo</i> .
Almejar – <i>armejar</i> .	Meu – <i>mô</i> .
Você – <i>vucê</i> .	Não é por mal – <i>nê prumale</i> .
Bater – <i>baté</i> .	Com sua licença – <i>colcença</i>
Descalçar – <i>descarçar</i> .	Está/Estás – <i>tá/stá</i>